

RESENHA

Berty R. R. Biron
RGPL

HUE, Sheila Moura (ed., introd. e notas). *Diálogos: em defesa e louvor da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

O *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de João de Barros, de 1540, e o *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, de Pero de Magalhães de Gândavo, de 1574, são duas obras renascentistas, que trazem o testemunho vivo do debate em torno do português como língua de cultura. Enquanto João de Barros era um humanista renomado, o cronista oficial da corte, que recorria a uma linguagem cheia de “epítetos preciosos” e “artifícios de palavras”, Gândavo dirigia-se a um leitor popular e pouco letrado, num estilo “fácil e chão”. Apesar das diferenças existentes entre estes dois guardiões da língua portuguesa, ambos analisavam e refletiam sobre tal idioma, dando ênfase à relação entre a expansão territorial de Portugal e a língua que era falada por aquele povo. Esses dois humanistas concentraram seus estudos no eixo onde se entrecruzam a Língua e o Império, haja vista que Portugal foi o único país a produzir uma epopeia nacionalista e imperial: *Os Lusíadas*.

A publicação intitulada *Diálogos: em defesa e louvor da língua portuguesa*, produzida por Sheila Moura Hue, em 2007, traz para o leitor contemporâneo as duas obras citadas acima, escritas no século XVI, em uma linguagem acessível, com a ortografia e a pontuação atualizadas. A autora tomou por base a edição *princeps*, ou seja, a primeira edição de cada obra, para que o leitor contemporâneo tenha acesso aos originais. Com seu trabalho, ela brinda a todos com uma introdução consistente e didática, explicitando os critérios adotados em seu estudo, oferecendo ao leitor uma edição anotada, uma vez que o texto se faz acompanhar de notas destinadas a esclarecê-lo.

Pode-se dizer que *Diálogos* é um estudo criterioso, com notas e comentários que auxiliam o leitor na descoberta das importantes obras de João de Barros e Gândavo, para que ele compreenda de que modo a língua portuguesa firmou-se no contexto ibérico, ganhando força na medida em que se espalhava por outros domínios: “como veículo da cultura portuguesa e da santa madre igreja”, como aponta Hue (2007, p. 25). Nessa ocasião, vale lembrar também as palavras de Silviano Santiago (in: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 16), que assim se pronunciou a respeito do colonizador português: “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua”.

Observa-se que, na introdução, Sheila Moura Hue ressalta que a língua portuguesa firmou-se como idioma na cultura humanista do Renascimento. O latim era, até então, a língua universal do humanismo; idioma dos homens cultos e também daqueles que estudavam nas universidades. Mas foi na Itália, no princípio do Renascimento, que se deu o movimento de defesa das línguas vulgares perante o latim. Havia um consenso entre os estudiosos que a língua vulgar tinha competência e era “tão digna” quanto a outra. Além disso, a língua pátria tinha a faculdade de ser “superior”, pelo fato de o latim estar ao alcance apenas dos estudiosos. Os debates em defesa das línguas vulgares, que levaram à produção de uma série de publicações específicas na Europa, sucederam-se entre italianos, franceses, espanhóis, alemães, ingleses, entre outros, pois se tratava da supremacia cultural e também da soberania nacional. Em sua nota de número 68, Hue retoma Maria Leonor Carvalhão Buesco para reforçar a ideia de que os mestres deveriam ensinar a gramática portuguesa logo após a alfabetização dos alunos, apesar da força do latim. É digno de nota que foi João de Barros o primeiro a preconizar a precedência da gramática nacional no estágio mais elementar do ensino da língua.

Os diálogos, gênero muito em voga no Renascimento, facilitavam a comunicação entre dois ou mais indivíduos, permitindo ao autor ensinar e convencer o leitor, já que tinham um sentido didático. Os diálogos se inscreviam nos debates da contemporaneidade e apresentavam uma multiplicidade temática, abrangendo diversas áreas, tais como: a ética, a filosofia, a astronomia, a política, a religião, a retórica, a botânica, a música, o amor, a vida cotidiana, a moral etc. Roger Friedlein fez um levantamento e localizou 41 diálogos escritos ou publicados no século XVI, em Portugal. Por outro lado, Hue (2007, p. 33) esclarece, em sua edição anotada, que:

No Brasil, temos o *Diálogo sobre a conversão do gentio*, do padre Manuel da Nóbrega, redigido em torno de 1558, o *Diálogo da fé*, (in: *Doutrina Cristã*), de José de Anchieta, escrito em Tupi, por volta de 1560, e também o *Diálogo das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, escrito no século XVI.

Dessa forma, é impossível negar a crescente importância da língua portuguesa em sua afirmação nacional, capacidade de expressão e de abrangência dos mais altos conteúdos da cultura vigente daquele período. A língua pátria foi um poderoso instrumento na conquista do Novo Mundo, na catequese dos índios, no desbravar das terras, enfim, na conquista das almas, em um momento histórico em que Portugal e Espanha dominavam boa parte do comércio e das rotas marítimas do mundo. A língua portuguesa foi disseminada dentro dos novos domínios territoriais, como uma voz sonora, uma vez que: “O império pretendia se solidificar não apenas comercialmente ou na conquista bélica dos territórios, mas também com a expansão da língua, com alfabetização em português e com a conversão dos povos ao catolicismo.” (2007, p. 17).

Não se pode deixar de mencionar também que, durante mais de dois séculos, o idioma espanhol foi a segunda língua de cultura, em Portugal. Todavia, guardava diferenças do castelhano original. Pode-se dizer que era o “castelhano de Portugal”. *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, de Gândavo, é um exemplo da convivência do português e do castelhano de Portugal nas falas de Petrônio e de Falêncio. E como Hue (2007, p. 15) ressalta:

O português que hoje falamos e escrevemos surgia, portanto, em um embate com a hegemonia ibérica do castelhano e também, com um trabalho conjunto de escritores e gramáticos no sentido de moldá-lo à semelhança da riqueza vocabular e sintática do latim e de, por meio do processo de ilustração da língua, torná-la tão expressiva quanto o idioma de Cícero e Horácio.

O mérito de *Diálogos*: em defesa e louvor da língua portuguesa é, todavia, o de atingir um público maior, oferecendo-lhe uma edição ao seu alcance, para que os antigos textos não fiquem limitados apenas à leitura de filólogos, linguistas, historiadores e profissionais afins. Isso não significa subestimar o leitor, mas sim proporcionar-lhe acesso a obras raras, poupando-lhe consultas a dicionários, enciclopédias, ou livros especializados, para que ele possa interagir com obras do século XVI.

MINICURRÍCULO:

Possui graduação em Letras Modernas (1974), mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988), e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998). Prefaciou o texto de *Caramuru poema épico do descobrimento da Bahia*, composto por Frei José de Santa Rita Durão, para o volume *Épicos* (São Paulo, EDUSP, 2008). É membro do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Tem experiência na área de Letras, com ênfase na Literatura Luso-Brasileira Setecentista.